

GRAMATOLOGIA E SEMIOLOGIA: O PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA DIANTE DA LINGUÍSTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE

GRAMMATOLOGY AND SEMIOLOGY: THE THOUGHT OF JACQUES DERRIDA ON THE LINGUISTIC OF FERDINAND DE SAUSSURE

Carlos Cardozo Coelho *

RESUMO

Este artigo tem dois eixos centrais. Num primeiro momento exporemos a reflexão proposta por Jacques Derrida no seu livro *De la Grammatologie* (1967), sobretudo no diálogo que este filósofo estabelece, a partir da formulação do quase-conceito *escritura*, com o estruturalismo linguístico, nomeadamente, com o genebrino Ferdinand de Saussure. Derrida, neste texto, critica Saussure, que, no seu entender, pensaria a escrita como uma mera representação da fala que nada acrescentaria a ela. Num segundo momento, partindo da distinção entre *valor* e *significação* (um signo, no interior de um sistema, não significa, mas vale, ou seja, ele apenas tem sua função quando é colocado em oposição a outros signos do mesmo sistema), mostraremos até que ponto a leitura que Derrida faz de Saussure faria justiça ao pensamento do linguísta genebrino. Segundo a nossa interpretação, o pensamento de Saussure já constituiria uma desconstrução daquela *metafísica* a qual Derrida nomeia como *da presença*, assim, a crítica que Derrida faz ao linguísta não seria completamente justa. Se levarmos em conta a distinção supracitada entre *valor* e *significação*, poderemos pensar a escritura não mais como representação da fala, mas como um sistema de signos que difere da própria fala.

PALAVRAS-CHAVE: gramatologia; estruturalismo; semiologia; escrita; fala

ABSTRACT

This paper has two central axes. Firstly the reflection proposed by Jacques Derrida in his book *De la Grammatologie* (1967), especially in the dialogue that this philosopher establishes, through the formulation of the quasi-concept *writing* [*écriture*], with linguistic structuralism and, in particular, with the genevise Ferdinand Saussure. Derrida, in this text, criticizes Saussure, who, in his opinion, would think writing as a mere representation of speech that adds nothing to it. Secondly, based on the distinction between *value* and *significance* (a sign, within a system, does not mean, but is worth, in other words, it will

* Mestre em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e doutorando em Filosofia pela PUC-RIO; e-mail: cardozocoelho@gmail.com

only have a function when it is placed in an opposition to other signs of the same system), we show the extent to which Derrida's reading of Saussure does justice to the genovese linguist's thought. According to our interpretation, the thought of Saussure would constitute a deconstruction of that *metaphysics* which Derrida names as metaphysics of *presence*, so the criticism that Derrida aims at the linguist would not be completely fair. If we take into account the above distinction between *value* and *meaning*, we think writing not as representation of speech, but as a system of signs that differs from the speech itself.

KEYWORDS: grammarology; structuralism; semiology; writing; speech

1. Introdução

A necessidade que Derrida mostrará em *Gramatologia* de se buscar uma nova maneira de expressar o que seria esta linguagem, de se falar uma (na verdade, mais de uma) língua nova, e não apenas de substituir o significante "significante" por outro significante que signifique a mesma coisa, é o que faz o filósofo romper com a língua da metafísica e buscar novos termos, como, por exemplo, em detrimento de os conceitos que indicam quase-conceitos e indecíveis. Entretanto, não se trata de abandonar a língua da metafísica em busca de uma língua originária, original, nem fundamental; tampouco uma "nova" língua, uma língua do "fora", mas de uma língua sempre "estranha", sempre "estrangeira", uma língua que tenha na resignificação, na remarcação, esta estranheira. (HADDON-LOBO, 2008, p.60)

Derrida, no seu livro *De la grammatologie*, aponta para a discussão que se instaurou na filosofia até a década de 1960 – e que se prolonga até os nossos dias – acerca da questão da linguagem. Segundo o filósofo, esta questão foi o grande tema do século XX; tempo em que desenvolveu sua filosofia que, em alguma medida, foi – e vai – na contramão das teorias que instauraram a fala, a *phoné*, mais do que a própria linguagem em geral, como modelo fundamental daquilo que é o homem, chegando mesmo a afirmar que tudo o que há no mundo se apresenta a nós como linguagem.

Esta afirmação de Derrida nos conduz a pensar que o próprio signo “linguagem” (e, por conseguinte, o próprio conceito de signo) não consegue mais abarcar aquilo que pretendia inicialmente. Hoje em dia falamos da linguagem matemática, computacional, química, em suma, da linguagem das ciências; falamos também da linguagem dos mortos, assim como da dos vivos; falamos ainda da linguagem dos animais e dos homens, da

linguagem dos corpos, das almas e da natureza. Em síntese, tudo o que existe no mundo possui, em alguma medida, a sua própria linguagem, e não apenas uma linguagem no sentido de posse, mas enquanto maneira mais própria de ser de cada ente, de cada vivente.

Desta forma, ao sermos conduzidos à crença de que o mundo e tudo o que há nele se apresenta a nós segundo esta lógica, acabamos inflando este signo para além do seu próprio limite. Como uma bexiga enchida ininterruptamente, o signo "linguagem" está fadado a uma inevitável explosão e a perda de toda funcionalidade teórica.

A tarefa do filósofo seria, destarte, a de evidenciar a desconstrução, que ocorre em nossa época, deste grande Mestre, deste grande Deus que é a Linguagem; um Mestre/Deus mediador de todos os horizontes de compreensão possíveis de nossa existência.

Nas palavras do próprio filósofo,

não há dúvida de que o *problema da linguagem* nunca foi apenas um problema entre outros. Mas nunca, tanto como hoje, invadira *como tal* o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia. [...] Esta inflação do signo "linguagem" é a inflação do próprio signo, a inflação absoluta, a inflação mesma. Contudo, por uma face ou sombra sua, ela ainda faz signo: esta crise é também um sintoma. Indica, como que a contragosto, que uma época histórico-metafísica *deve* determinar, enfim, como linguagem a totalidade de seu horizonte problemático. (DERRIDA, 2006, p.7)

E continua Derrida,

a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se, no momento exato em que o significado infinito que parecia excedê-la deixa de tranquilizá-la a respeito de si mesma, de contê-la e de *cercá-la*. (DERRIDA, 2006, p.7)

Assim, diante desta questão que se instaura ao pensamento da desconstrução, Derrida crê que é necessário pensar não mais a linguagem enquanto *Origem*, isto é, enquanto fundamento de toda a existência e de toda *condição de possibilidade* do pensamento, mas mostrar que a linguagem não passa de um suplemento, de uma "estrutura" entre outras "estruturas" que estão sempre prestes a se desfazer, e que nada tem a ver com o conceito tradicional de *Verdade* – ou de *Presença* (que para o filósofo seriam termos irmãos, pois a *Verdade* é sempre a busca pela presença de um sentido pleno, totalizante).

2. Significante do significante

É no meio desta discussão que o filósofo magrebino começa a sua “desconstrução” e introduz, no interior do discurso metafísico, seus conceitos – ou melhor, introduz seus quase-conceitos, seus indecíveis –, criticando a tradição metafísica que o antecedeu, apontando para um *etno*, um *falo*, um *logo* e um *fonocentrismo* que lhe são indissociáveis (Cf. DERRIDA, 1967, p.15-108).

Destarte, com este transbordamento do signo “linguagem”, que é também a inflação do próprio conceito de signo, o filósofo magrebino vê a necessidade de se repensar o solo no qual tal metafísica está arraigada, e, por amor a ela¹, desconstruí-la. É com este intuito que Derrida se confronta com o conceito de linguagem, em particular, com o conceito saussuriano de signo que estaria atrelado à distinção platônica entre sensível e inteligível.

Seguindo este diapasão, Derrida começa a *Gramatologia* se confrontando com uma das arquiteturas metafísicas mais potentes de sua época (que dominava o meio intelectual ecoando por todos os ramos das ciências humanas), a saber, a linguística geral de Ferdinand de Saussure, modelo fundamental para todas as ciências semiológicas.

Segundo Derrida, o signo é, tradicionalmente (e em Saussure não o é diferente), sempre *signo de*, isto é, ele significa algo, aponta para um referente, para uma realidade: como viemos insistentemente repetindo, significar é “dizer algo de alguma coisa”; o que está em jogo é sempre um ideal de presença.

Percebemos aqui que Derrida notou algo que Paul Ricoeur, ao interpretar o estruturalismo, não conseguiu perceber por si só. De um lado, Derrida sabia que o pensamento estruturalista não rompia com a tradição metafísica e com o *lógos apofântico* aristotélico. De outro lado, Ricoeur achava que o estruturalismo apontava para uma “clausura do universo dos signos” e esquecia da função referencial da linguagem (Cf. Ricoeur, s/a). Segundo nossa interpretação, Ricoeur crê que o estruturalismo linguístico é

¹ Paul Ricoeur, falando sobre a obra de Derrida e sobre a relação que o filósofo defende entre desconstrução e fidelidade, afirma: “devo dizer que não posso associar fidelidade à desconstrução, mesmo se distinguida de “destrutiva” mas ligada a uma revolução pungente e total da linguagem, vejo [aí] um sinal de narcisismo verbal” (RICOEUR, 2011, p.104)

uma doutrina antimetafísica que deve entrar em diálogo com uma hermenêutica para perceber que não pode abrir mão de conceitos como, por exemplo, o conceito de sujeito e de referente. Contrário à posição de Ricoeur, Derrida entende que o estruturalismo ainda carregava no coração de sua teoria o conceito metafísico de signo e, por consequência, todas as suas implicações teóricas.

Nas palavras do próprio R. Jakobson, o signo saussuriano retoma a distinção estóica, e depois escolástica, entre *signans* (que segundo Jakobson seria o significante de Saussure) e *signatum* (que nas palavras do mesmo seria o significado saussuriano), dando eco a esta tradição metafísica e também teológica, e ao seu *logocentrismo* (Cf. DERRIDA, 2006, p.24).

Malgrado esta vinculação do estruturalismo à metafísica que Derrida, diferente de Ricoeur, vê de maneira crítica, lembramos que o próprio pensamento saussuriano já trás consigo certa desconstrução da metafísica e abre caminho para o filósofo magrebino substituir o conceito de signo pelo indecível *rastro*. Como afirma R. Haddock-Lobo no seu livro *Derrida e o labirinto de inscrições* (2008), “é por amor a Saussure que Derrida tenta dar continuidade ao movimento de desconstrução que a linguística comporta” (p.101).

A distinção entre significante e significado, enquanto forma fônica e semântica no interior de um sistema diferencial de signos, abriu espaço para Derrida, e também Lacan, pensar o significado – por ser uma unidade meramente formal e não uma unidade sensível – como um significante colocado numa posição privilegiada; todavia, as posições de Derrida e de Lacan em relação a essa teoria são diversas.

Sem dúvidas, um psicanalista escolado em Lacan brandiria com orgulho sua língua e diria, dogmaticamente, que o significante lacaniano não é estruturado analogamente ao significante saussuriano. Ele defenderia que o significante de Lacan não implica necessariamente num significado, pois o psicanalista francês substitui o conceito de signo – indissociável da distinção entre significante e significado – pelo conceito de algoritmo. Como afirmam Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe, comentando a teoria lacaniana do significante²:

² Vale dizer que Lacan, ao escrever o prefácio deste livro, elogia a leitura que nele é feita da sua teoria do significante, mas critica a pretensa comparação que é feita no fim do livro desta teoria com a teoria do Ser heideggeriana.

O algoritmo não é o signo. Ou melhor: o algoritmo é o signo enquanto não significa (sobre o modo da representação do significado pelo significante). Poder-se-ia talvez arriscar a escrever: o algoritmo é o signo (cancelado). Signo sob canceladura de preferência a signo destruído. (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p.47)

Todavia, como nos mostra o filósofo e o teórico da literatura, esta canceladura do signo linguístico, que se erige sob a égide do silêncio do significado, não é absoluta. Ao subverter o sistema linguístico saussuriano substituindo o signo pelo algoritmo, e ao instaurar uma lógica do significante, Lacan coloca um termo – que é incomunicável na vida linguística, mas operante no sistema – como privilegiado dando sentido a toda a cadeia de significantes.

Em cima desta determinação do jogo dos significantes como relação dos buracos do sentido, vem enxertar-se uma determinação última a partir da qual ordena-se, de fato, o jogo no seu conjunto. Um significante a que Lacan dá o nome de o *significante de uma falta no Outro*. [...] Ele é o significante da própria *falta* de um símbolo (e de Deus?), a partir do qual articula-se a cadeia dos significantes. É o significante “sem o qual todos os outros nada significariam”, puro desvio do significante em geral. (NANCY; LACOUE-LABARTHE, 1991, p.56)

Nesse sentido, no signo linguístico o significante remeteria sempre a um significante-significado; assim, a objeção de Nancy e também a de Derrida à Lacan seria que este *significante de uma falta no Outro* (-1) acabaria ocupando a posição de significado dando sentido a todo o sistema (lacaniano), não escapando, portanto, a tradição metafísica, denominada por Derrida como *metafísica da presença*. Nancy e Lacoue-Labarthe chegam mesmo a afirmar que a teoria lacaniana do significante não difere muito da teoria do Ser que Heidegger desenvolve em *Ser e Tempo*.

Percebendo a necessidade de ir além desta mudança (significante de significante), Derrida substituiu o signo saussuriano (que é indissociável de seu par conceitual significante e significado, assim como o é do referente) pelo quase-conceito *trace* (rastro), que é aquilo que nunca se *presentará*, pois o significante estaria desde o “início” lançado numa rede *différenciel* de remetimentos infindáveis, na qual não há sentido, mas apenas efeitos.

Ora, pensar o signo como significante do significante sem um significado último ou um significante que ocupe a função de significado (como ocorre na teoria lacaniana com seu significante fálico) é negar o próprio significante enquanto tal, pois – vale insistir neste

ponto, ele não pode ser dissociado do significado – é por esta razão que surge o quase-conceito *rastro*, como uma maneira de abolir a lógica do signo e instaurar uma nova lógica, a lógica do suplemento (que exporemos mais a frente ao apresentarmos o conceito derridiano de escritura e a sua crítica a linguística saussuriana que privilegia a fala e pensa a escritura como mero suplemento).

Em síntese, com esta crítica, Derrida mostra que dizer que só há significante é dizer que não há significante, mas apenas rastro (*trace*); vale dizer, engajando-se no movimento-jogo da *différance*, cabe ao filósofo descrever – e também jogar, pois nunca se está fora do jogo da metafísica – este jogo e não tentar apreendê-lo; ele deve apenas mostrar que aquilo que escapa de fato escapa.

Como afirma o próprio filósofo,

não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo de remessas significantes, que constitui a linguagem. O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-do-jogo que vigiam o campo da linguagem. Isto equivale a destruir o conceito de “signo” e toda a sua lógica. (DERRIDA, 2006, p.8)

A desconstrução seria, então, a “disciplina” (com todas as aspas possíveis, pois a desconstrução é muito mais um movimento do pensamento que está sempre a acontecer do que uma "disciplina" que nos ensina o método adequado de pensar) que mostraria o funcionamento do jogo do nosso pensamento metafísico que sempre busca instaurar sentido e fundar presenças. O filósofo que se guia *na* desconstrução, ou melhor, que *pensa a* desconstrução, é aquele que tem "consciência" da temporalidade e da historicidade de nossas compreensões de mundo.

É por isso que Derrida se volta para termos como *escrita* em oposição a *fala*, *animal* em oposição a *homem*, *sentido metafórico* em oposição a *sentido próprio*. Todos estes termos, por serem tomados pela tradição como secundários, suplementares (ou seja, como significante de significante), acabariam representando o funcionamento *absoluto* do mundo, pois, segundo o filósofo magrebino, “*la chose même se dérobe toujours*” [a coisa mesma sempre escapa] (DERRIDA, 1994, p.117), e essa é a estrutura mais própria do mundo e da realidade: o movimento do *escapar*.

Por uma Necessidade que mal se deixa perceber, tudo acontece como se – deixando de designar uma forma particular, derivada, auxiliar da linguagem em geral (entendida como comunicação, relação, expressão, significação, constituição do sentido ou do pensamento etc.), deixando de designar a película exterior, o duplo inconsistente de um significante maior, o *significante do significante* – o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem. Em todos os sentidos desta palavra, a escritura *compreenderia* a linguagem. (DERRIDA, 2006, p.8)

Aparece aí, então, uma espécie de elogio à escritura (como *rastro*) em oposição a uma linguagem original que presentificaria um significado, um sentido.

3. Os quase-conceitos derridianos

Desde a primeira teoria filosófica da linguagem – com Aristóteles afirmando, entre outras coisas, que os sons emitidos pela voz são símbolos dos estados de alma (estes teriam uma relação de analogia, ou seja, de semelhança natural com o plano das coisas, isto é, com o plano ontológico, e estariam mais próximos de uma presentificação do sentido do mundo), e que a escrita é símbolo dos sons emitidos pela voz (cf. Aristóteles, *Da interpretação*, 1, 16 a 3) – até a teoria linguística mais atual – com o Saussure da Vulgata, isto é, o Saussure do *Cours*, afirmando que a escrita é uma espécie de perversão e que a fala deve ser o modelo para uma linguística geral –, a escritura (ou a escrita) foi constantemente tida como secundária, como algo suplementar, afastada de uma Origem.

Estas deformações não são contingências históricas que poderíamos admirar ou lamentar. Seu movimento foi absolutamente necessário. O privilégio da *phoné* não depende de uma escolha que teria sido possível evitar. [...] O sistema do “ouvir-se-falar” através da substância fônica – que se dá como significante não-exterior, não mundano, portanto não empírico ou não-contigente – teve de dominar durante toda uma época a história do mundo, até mesmo produziu a ideia de mundo, a ideia de origem do mundo a partir da diferença entre mundano e não-mundano, o fora e o dentro, a idealidade e a não-idealidade, o universal e o não-universal, o transcendental e o empírico, etc. (DERRIDA, 2006, p.9)

De acordo com esta tradição que privilegia a *phoné*, a escritura é sempre uma negação da fala, ou seja, como não-fala, como uma entidade inautêntica, como afastamento

da presença plena que nos trás a voz, ou melhor, a Voz. Esta é a lógica da metafísica que Derrida chama de *da presença*, ela é uma dialética na qual, verdadeiramente, apenas um dos termos de fato tem um sentido positivo.

Como insiste o professor Rafael Haddock-Lobo em suas aulas sobre o filósofo magrebino, no discurso metafísico há o “x” (Homem, Humano, Fala, Consciência etc., todos eles sempre maiúsculos) e o “não-x” (mulher, animal, escrita, inconsciente etc., todos eles sempre minúsculos). O “x” de toda distinção é um termo positivo, potente e tem participação no conceito de verdade, de presença, conceito sempre universalmente válido, em suma, é um conceito sagrado, divino; enquanto que o “não-x” aparece como um termo negativo, fraco, que não passa de um *significante do significante* do dito significado “x”, ou seja, de um conceito profano.

Tudo ocorre como se o que se denomina linguagem apenas pudesse ter sido, em sua origem e em seu fenômeno, um aspecto, uma espécie de escritura. E só o tivesse conseguido fazer esquecer, *enganar*, no decorrer de uma aventura: a aventura mesma. Aventura, afinal de contas, bastante curta. [...] E se aproximaria hoje do que é a sua própria *asfixia*. (DERRIDA, 2006, p.10)

Portanto, Derrida pretende, ao apresentar as engrenagens da metafísica da presença e constatar o *transbordamento* do conceito de linguagem, anunciar a “morte da fala” (assim como ele anunciara “os fins do homem” num artigo do livro de 1972 intitulado *Marges de la philosophie*) e o nascimento de uma nova era, a era da escritura³.

“Morte da fala” é aqui, sem dúvida, uma metáfora: antes de falar de desaparecimento, deve-se pensar em uma nova situação da fala, em sua subordinação numa estrutura cujo arconte ela não será mais. (DERRIDA, 2006, p.10)

O que o filósofo magrebino faz, então, é afirmar que o conceito de “escritura” excede e concentra em si mesmo o conceito tradicional de linguagem. Com a “morte da fala” anunciada por Derrida, a palavra “escritura” não terá mais um sentido condenatório,

³ É por isso que o filósofo substitui o termo francês *difference* pelo neologismo *differance*. Na fala a diferença entre as duas palavras é imperceptível, mas na escrita a diferença é gritante. Da mesma forma que na escrita existem diversos artifícios que não são fonéticos como, por exemplo, as vírgulas, os pontos, os parágrafos etc. Com este quase-conceito – originalmente estruturalista – Derrida quer mostrar que não existe uma passagem linear entre a fala e a escrita, e afirmar a diferença em contrapartida a semelhança e a analogia que dominam o discurso filosófico.

mas será uma entidade marginal que assume a própria marginalidade como fundamento, assim, ela não será mais *significante do significante*, mas será *rastros*. Ora, assumir as margens como origem, como fundamento, não é disseminar e diluir o próprio conceito de Origem? Há, assim, uma inversão da metafísica da presença, mas também um deslocamento que embaralha toda a concepção tradicional de linguagem.

"Significante do significante" descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como "significante do significante", arrebatada-se e apaga-se a si mesma na sua própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. (DERRIDA, 2006, p.8)

Ao nomear este movimento (*rastros*) – que representa o "próprio" movimento do mundo –, a escritura assumirá um importante papel na teoria derridiana. Ela será mais do que um mero conceito entre outros conceitos, pois regerá toda uma gama de outros conceitos (ou melhor, quase-conceitos, como prefere o filósofo) que excedem a linguagem. Destarte, Derrida chama de “escritura”

não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e a partir daí, tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também “escritura” pictural, musical, escultural etc. Também se poderia falar em escritura atlética. (DERRIDA, 2006, p.10)

É em nome e por amor a este movimento que emerge a lógica do suplemento e os seus quase-conceitos que solapariam a lógica do signo, a lógica da presença, ou seja, a lógica conceitual metafísica. Substituir o termo conceito pelo termo quase-conceito indica justamente este movimento derridiano de não pensar mais o sentido, mas pensar o rastros, os efeitos.⁴

É esse o espírito que perpassa toda a obra do filósofo magrebino, levando-o, por exemplo, a fazer uma crítica ao tratamento dado tradicionalmente à metáfora, defendendo, na esteira de Nietzsche, que esta verdade buscada pela tradição, nomeadamente por Platão e

⁴ Como disse Claude Lévi-Strauss numa discussão pública com Paul Ricoeur, "o sentido resulta sempre da combinação de elementos que não são eles mesmos significantes. [...] nas minha perspectiva, o sentido não é nunca um fenômeno primeiro: o sentido é sempre redutível. Dito de outra forma, por trás de todo sentido há um não-sentido, e o contrário não é verdadeiro". (*Esprit*, nov. 1963, número spécial, p.637).

Aristóteles, nada mais é do que uma catacrese, a saber, uma metáfora desgastada, uma figura de linguagem que se esqueceu como tal (Cf. DERRIDA, 1972, p.247-324).

O quase-conceito derridiano de metáfora estaria em plena consonância com o indecível *rastro*; ambos estão engajados no movimento da *différance*, pois, vale repetir, “*la chose même se dérobe toujours*” [a coisa mesma sempre escapa].

Diante da dupla condenação que estes quase-conceitos nos trazem (significante de significante), só há uma coisa que pode ser afirmada e que ocuparia a função do conceito de origem na filosofia derridiana: a *brisura*, que não é *nem* visível *nem* invisível, *nem* sensível *nem* inteligível, ou seja, é o *entre*, o *espaçamento*. A metáfora, elevada (ou rebaixada) a quase-conceito, seria apenas um dos nomes para designar este movimento suplementar da escritura. Seja sob o nome de *metáfora*, *escritura*, *animal*, *mulher*, *rastro*, Derrida quer apontar para a exclusão do outro, que, por não ter um “sentido próprio” (para Derrida não se pode ser quer falar nestes termos), foi rebaixado pela tradição na sua busca incessante pela presença a mero suplemento. Ou seja, o que Derrida propõe é uma “lógica do suplemento” frente à uma metafísica que busca a *Verdade*, ou ainda, uma *hantologie* (espectrologia) frente à uma ontologia da presença (Cf. DERRIDA, 1993, p.31).

Em suma, a filosofia de Derrida opera no coração mesmo da aporia. Ela é a instauração e a afirmação incessante de que não existe possibilidade de escapar ou pensar fora da aporia.

4. Saussure e Derrida

No capítulo II da primeira parte de *Gramatologia*, Derrida apresenta sua crítica ao pensamento saussuriano, ou, mais especificamente, ao capítulo VI do *Cours*. Para o filósofo, o primeiro erro cometido por Saussure, como vimos, foi manter a submissão da escrita à fala. A escrita, segundo o *Cours*, seria uma perversão da fala, que, por sua vez, seria o modelo para pensar uma linguística geral.

Como afirma o Saussure da Vulgata, isto é, o Saussure do *Cours de linguistique General* (Citaremos este texto apenas por *Cours*)

a língua e a escrita são dois sistemas distintos de signos; *a única razão de ser* do segundo é representar o primeiro [...]. O objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; *esta última por si só constitui tal objeto*. (Cours, p.34)

E continua nas páginas seguintes:

Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural [...], a língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita [...] A escrita se arroga, nesse ponto uma importância a que não tem direito. (Cours, p.35-36)

Segundo Derrida, no *Cours*, a escrita representaria uma espécie de *fora* da língua, pois ela é uma *representação* da língua, que tem como modelo fundamental aquilo que Derrida chama de "escritura fonética" – isto é, a fala. Ou seja, a escrita seria interpretada como um "signo de um outro signo", do mesmo modo que o signo é sempre signo de um referente (lembramos aqui a distinção de Frege entre sentido e referente).

"Saussure retoma", assim, "a definição tradicional de escrita que já em Platão e Aristóteles⁵ se estreitava ao redor do modelo da escritura fonética e da linguagem de palavras" (DERRIDA, 2006, p. 37).

Segundo Patrice Maniglier, Derrida

se interessa mais profundamente no fato de que o motivo desta colocada em quarentena [da escritura] que Saussure professa parece estar em contradição direta com a definição mesma de signo que ele construiu. Só pode ser, com efeito, em nome de uma concepção préestruturalista de signo, que quer que a escrita *represente* a fala como "imagem", que Saussure leva a cabo sua condenação. (MANIGLIER, 2011, p.375)

⁵ A escrita tem como um dos seus críticos primevos Platão. No diálogo *Fedro*, crê que ao confiarem nas marcas externas (*grammata*) ao invés de confiarem em suas próprias memórias, os homens se tornarão esquecidos, e desta forma não alcançarão a verdadeira sabedoria, apenas a aparência dela. Aristóteles, também entendendo a escrita como afastamento da verdade, diz que “os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados de alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz” (*Da interpretação* 1, 16a3). Derrida, em contrapartida, em textos como *De la gramatologie* (1967) e *A farmácia de Platão* (1997), critica o *fonologocentrismo* da tradição metafísica que vai de Platão à Saussure (este coloca a escrita como significante do significante), defendendo que devemos tentar escapar desta tradição e do privilégio que é dado por ela à fala (como sendo mais próxima do verdadeiro sentido) em detrimento a escrita (que seria apenas um afastamento).

Assim, segundo o filósofo magrebino, haveria uma estrutura hierárquica instaurada, estrutura esta que reproduziria de certa forma a estrutura aristotélica da linguagem: o signo escrito seria, então, para o *Cours*, a representação do signo falado que, por sua vez, seria a representação da referência (primeira linha da ilustração); para Aristóteles, como vimos, a escrita seria a representação das palavras faladas, que por conseguinte seria a representação dos estados de alma que representariam o plano das coisas, isto é, o plano ontológico (segunda linha da ilustração)⁶.

Signos escritos ————— Signos falados ————— Referente
Palavras escritas ————— Palavras faladas ————— Estados de alma - Plano das coisas

Enquanto Ricoeur, na sua interpretação do estruturalismo, tentou inserir a distinção entre sentido e referente no interior da linguística geral, Derrida mostra que ela sempre esteve presente, e, mais do que presente, sempre esteve a serviço da dita *metafísica da presença* que ecoa no *Cours*.

Apesar da comparação entre Aristóteles e Saussure, Derrida obviamente tem consciência de que há um abismo entre ambos, e que o pensamento saussuriano está longe de ser a mera reprodução de uma teoria aristotélica sobre a linguagem⁷. Derrida sabe muito bem que existe uma série de diferenças entre o pensamento saussuriano e o pensamento aristotélico, mas talvez devido a uma leitura centrada sobretudo na Vulgata estruturalista, isto é, no *Cours*, ele não tenha percebido toda a potência do pensamento do linguista genebrino.

Parece assim que o estruturalismo linguístico, segundo Derrida, produziu um objeto teórico (a entidade diferencial e opositiva da língua) que excede os recursos conceituais da metafísica tradicional, logo que, com efeito, ele coloca alguma coisa como uma estrutura de reenvio sem termo primeiro, nem resultado final. Mas, ao mesmo tempo, ele inclui esta "monstruosidade" metafísica sob o nome mesmo de "signo", buscando alguma coisa como uma unidade imediata de som e de sentido, da palavra e do pensamento. (MANIGLIER, 2011, p.376-7)

⁶ Apenas os Estados de Alma e o Plano ontológico das coisas possuem uma relação de semelhança natural, pois as coisas são infinitas e as palavras finitas. Entretanto, para Aristóteles, é possível dizer a verdade através da linguagem falada, desde que você siga as regras da razão. É por esta demanda de dizer a verdade através da linguagem que Aristóteles formulou a sua Lógica.

⁷ "se Derrida nos importa tanto, é justamente porque ele viu que o projeto das ciências humanas, tal qual ele se redefiniu através do "estruturalismo", ou mais exatamente, da 'semiologia', escapa *de facto* à conceitualização metafísica pela qual definimos a ciência como relação à um *objeto*." (MANIGLIER, 2011, p.383)

Se levarmos ao extremo a distinção entre *valor* e *significação*, veremos que o pensamento saussuriano está vinculado à uma metafísica – pois, como o próprio Derrida nos diz, é impossível afastar-se completamente da metafísica –, sobretudo devido ao conceito de *significação*, ou seja, ao aspecto semântico da linguagem.

No *Cours*, ao distinguir valor e *significação*, Saussure afirma que o valor de uma palavra

não está fixado enquanto nos limitamos a constatar que ela pode ser trocada por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela *significação*; falta ainda compará-la com valores similares, com outras palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, ela está revestida não só de uma *significação*, mas também, e, sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (*Cours*, p.160).

E continua Saussure, dessa vez nos *Écrits*:

É preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse ponto é cardinal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros valores. (SAUSSURE, 2002, p.30)

Com estas passagens podemos perceber que o *valor* é sempre formal e, por consequência, é a característica por excelência do signo linguístico em sua dupla faceta significante e significado. Por sua vez, a *significação* – que não pode ser confundida com o significado que é meramente formal – está no âmbito da *fala*, isto é, no âmbito do discurso, da atualização da *língua*. Em suma: uma palavra dentro da *língua* – ou seja, enquanto unidade formal – possui um valor; por outro lado, no ato da *fala*, esta mesma palavra possui uma *significação*, isto é, aponta para algo além de seu valor meramente linguístico. “Opor o signo ao signo é a função *semiológica*. Representar o real por signo é a função *semântica*” (RICOEUR, s/a, p. 247).

Por exemplo, um francês ao dizer “J’ai vu un mouton”, e um inglês ao dizer “I saw a sheep”, provavelmente enunciam a mesma *significação*, ou seja, dizem que viram um carneiro em determinada situação. Mas se analisarmos as palavras “sheep” e “mouton” em seus respectivos sistemas linguísticos, veremos que seus *valores* não são os mesmos. *Sheep*,

em inglês, designa o animal carneiro, em oposição à *mutton* que é usada para designar a carne do carneiro a ser consumida. Já em francês a palavra *mouton* é usada nos dois casos, ou seja, tanto para representar um carneiro vivo quanto para indicar a carne do carneiro servida à mesa. “Sheep” e “mouton” possuem, no exemplo citado, a mesma *significação*, mas não o mesmo *valor*, pois enquanto em inglês há dois signos, em francês há apenas um (Cf. CULLER, 1979). Eis o esboço da distinção entre *valor* e *significação* que é de extrema importância para uma boa compreensão da linguística saussuriana.⁸

Desta forma, a grande novidade do pensamento saussuriano foi inserir o conceito de *valor* no interior do discurso metafísico (e com ele o de oposição, que significa diferença mais relação).

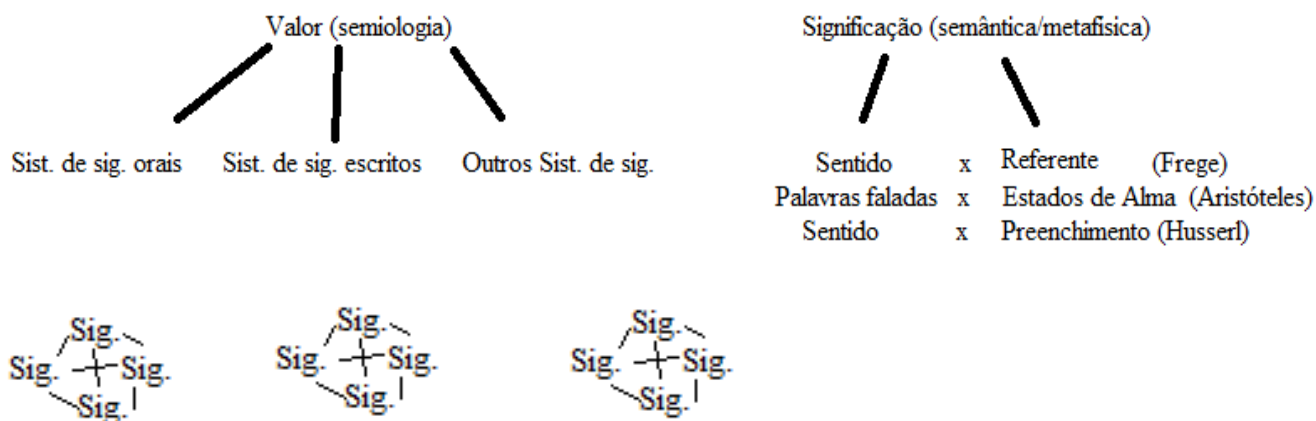
O que Derrida percebe é que o brilhantismo do genebrino está em não pensar mais o signo como “signo de”, mas, antes disso, pensar o signo no interior de uma estrutura – ou sistema, como prefere Saussure – de rementimento a outros signos, na qual não importa o valor positivo de um termo, mas somente a sua oposição a outros termos do mesmo sistema, ou seja, um termo no interior da estrutura não *significa*, mas *vale*⁹. Eis o conceito de diferença emergindo no seio das ciências humanas.

No esquema abaixo mostramos, por um lado, como o conceito de *valor*, levado ao seu extremo, representaria uma instância da linguagem que excederia a metafísica da presença e colocaria a escrita noutra posição¹⁰, por outro lado, como o conceito de *significação* recoloca a estrutura no interior desta metafísica.

⁸Para uma melhor compreensão desta distinção entre valor e significação (Cf. JARDIM ANDRADE, 2000, p. 77-82).

⁹ Como afirma o próprio Derrida em *Positions* (1972) sobre Saussure: “sublinhando as características diferenciais e formais do funcionamento semiológico, mostrando que ‘é impossível que o som, elemento material, pertença ele mesmo à língua’ e que ‘na sua essência ele [o significante linguístico] não é fonético’(Cours, p.164); dessubstancializando, assim, o conteúdo significado e a ‘substância de expressão’ – que não é mais exclusivamente a fonia –, fazendo também da linguística uma simples parte da semiologia. Saussure contribui fortemente para o conceito de signo retornar contra a metafísica” (DERRIDA, p.28).

¹⁰ “O que Saussure quer dizer sobre a linguagem é, então, que existe uma semiologia da fala que é *en droit* independente da semiologia da escrita, ou seja, que a fala tem as suas leis que a escrita não conhece, e o mesmo ocorre inversamente. Isto não quer dizer que não há uma semiologia da escrita a ser realizada, nem mesmo quer dizer que não há muitas coisas interessantes a dizer sobre as particularidades das línguas letradas” (MANIGLIER, 2011, p. 387).



Neste movimento, Saussure revoluciona toda a concepção de linguagem da sua época, abrindo caminho para os pensadores pós-estruturalistas – dentre os quais Derrida e Ricoeur, cada um ao seu modo – formularem os seus conceitos, ou, no caso do filósofo magrebino, seus quase-conceitos.

É interessante notar também a semelhança deste argumento com o de Saussure, no qual este diz que o significado de um signo é determinado pelas suas diferenças em relação a outros signos. "Uma linguagem é um sistema", diz Saussure, "no qual todos os elementos se encaixam e no qual o valor de qualquer elemento depende da coexistência simultânea de todos os outros". O pós-modernismo francês – seja como teoria linguística, crítica literária, ou como teoria sociológica (Bourdieu) – é essencialmente uma variação infundável desta melodia saussuriana. (FRANK ANKERMIT, Revista Topoi, nº 2, p.162)

Percebendo esta distinção presente no pensamento do linguísta genebrino, podemos interpretar a escrita (ou a escritura, como prefere o tradutor da *Gramatologia*) como um sistema de signos entre outros sistemas de signos sem uma necessária hierarquização, como sinalizamos na figura acima.

é sempre, com efeito, a *letra* que Saussure dá como exemplo de signo; a semiologia só tem o seu sentido na condição de que a língua seja, como o diz Saussure, "comparável" tanto a escrita quanto a outros sistemas de signo; mas também, mais profundamente, a afirmação do caráter em última instância "formal", "algébrico" e "nunca fonético" da língua mostra que é somente na condição de considerar como uma espécie de escritura que os fenômenos linguísticos podem ser constituídos como objetos de uma ciência rigorosa. (MANIGLIER, 2011, p.374)

E continua Maniglier:

O erro dos linguístas segundo Saussure é de não terem visto que a língua não se confunde com a substância fônica ou acústica, de não terem visto que há, na parte "significante" mesma da linguagem, uma dimensão imaterial ou, como ele próprio diz, "incorporal", e que as unidades da língua devem ser definidas não em termos positivos como tipos empíricos de sons, mas como termos opostos no qual a realização em tal ou tal substância (gráfica ou acústica ou articulatória ou gestual etc.) aparecem, portanto, como contingentes. (MANIGLIER, 2011, p.374)

De um lado existiria, então, o plano afirmado por Saussure que é o plano do *Valor*, isto é, o plano semiológico (ou semiótico), de outra existiria um plano semântico, o plano da significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Poética**. trad. br. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1973. (Os Pensadores).

BENVENISTE, É. **La forme et le sens dans le langage**. Genève: La Baconnière, 1967.

BENVENISTE, É.. **Problemas de linguística geral I**. Campinas : Pontes, 2005.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CULLER, J. **As idéias de Saussure**, São Paulo: Cultrix, 1979.

DERRIDA, J. “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. In: DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno**. trad. Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

DERRIDA, J. **De la Gramatologie**. Paris: Minuit, 1967.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. trad. br. Mirian Chnaiderman e Renato Ribeiro, São Paulo: Perspectiva, 2006).

DERRIDA, J. **Le monolinguisme de l'autre**. Paris: Éditions Galilée, 1996.

DERRIDA, J. **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972.

DERRIDA, J. **Positions**. Paris: Minuit, 1972.

DERRIDA, J. **Spectres de Marx**. Paris: Éditions Galilée, 1993.

DUCROT, O. TODOROV, T., **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

HADDOCK-LOBO, R. **Derrida e o labirinto de inscrições**. Porto Alegre: Zouk, 2008
HADDOCK-LOBO, R. **Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.

JARDIM ANDRADE, R. **Le structuralisme et la question du sujet: la formation du champ sémiologique**. Lille: ANRT (Atelier national de reproduction de thèses), 2000.

JARDIM ANDRADE, R. "Saussure e a Filosofia". In: **Anais do V Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF**. Diamantina: 1992, p. 203-212.

MANIGLIER, P. "Térontologie saussurienne: ce que Derrida n'a pas lu dans le Cours de linguistique générale. In: MANIGLIER, P. (ORG.) **Le moment philosophique des années 1960 en France**. Paris: Puf, 2011.

MANIGLIER, P. **La Vie énigmatique des signes, Saussure et la naissance du structuralisme**. Paris: Éditions Léo Scheer, 2006.

MANIGLIER, P. LACQUE-LABARTHE, P. **O título da letra**, Rio de Janeiro: Escuta, 1991.

PLATÃO. **Diálogos I** (Teeteto, Sofista e Protágoras). São Paulo: Edipro, 2007.

MANIGLIER, P. **Diálogos II** (Górgias, Eutidemo, Hípias Maior e Hípias menor). São Paulo: Edipro, 2007.

RICOEUR, P. **La métaphore vive**. Paris: Le Seuil, 1975 (A Metáfora Viva, São Paulo: Edições Loyola, 2000).

RICOEUR, P. "Discours et communication". In: **Cahier de l'herne Ricoeur 1**, L'Herne, 2004.

RICOEUR, P. **Écrits et conférences 2: herméneutique**. Paris: Le Seuil, 2010.

RICOEUR, P. **O Conflito das Interpretações: Ensaios de Hermenêutica**. trad. port. Artur Morão. Porto: Rés-Editora, s/a.

RICOEUR, P. "Structure et signification dans le langage". In: **Les cahiers de l'université du Québec**, Québec: PUQ, 1970.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. trad. port. Artur Morão. Porto: Porto Editora, 1995.

RICOEUR, P. **Vivo até à Morte**. trad. port. Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2011.

RODRIGUES, C. "Antígona: lei do singular, lei no singular". **Sapere Aude** – Belo Horizonte, v.3 - n.5, p.32-54– 1º sem. 2012.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale** (édition critique préparée par Tullio de Mauro). Paris: Payot, 1972.

SAUSSURE, F. **Ecrits de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2002.